

ADAPTAÇÃO PORTUGUESA DA ESCALA DE SOLIDÃO SOCIAL E EMOCIONAL (SELSA-S)

Hélder Fernandes

Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Félix Neto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Apresenta-se no presente trabalho a avaliação psicométrica inicial da adaptação da SELSA-S de DiTommaso, Brannen e Best (2004) para a população portuguesa. Foram efectuados dois estudos. O primeiro estudo foi feito com 183 estudantes do ensino superior com uma média de idade de 21.63 anos (DP=3.43). Conjuntamente com a escala SELSA-S foram administradas outras escalas para avaliar a solidão global, a timidez, a sociabilidade, os sintomas psicológicos, a satisfação com a vida e a auto-estima. Tal como a versão original inglesa, a análise factorial extraiu três factores correspondentes às escalas de solidão social, solidão familiar e solidão romântica. As três escalas da SELSA-S revelaram uma elevada consistência interna. Os resultados apoiam a validade concorrente e convergente da SELSA-S. O segundo estudo foi feito com 179 idosos com uma média de idade de 73.05 anos (DP=6.95). A esta amostra foram administradas as escalas SELSA-S e a UCLA-R, bem como questões sociodemográficas e a avaliação subjectiva da saúde. Em prol da validade externa da SELSA-S verificou-se que a solidão social expressa pelos idosos de uma aldeia não comunitária era maior do que a expressa pelos idosos residentes numa aldeia comunitária (Rio de Onor). Os elementos apresentados salientam as qualidades psicométricas da SELSA-S, bem como a sua utilidade para a investigação.

PALAVRAS-CHAVE: solidão, idosos, jovens, SELSA-S.

A solidão é um estado desagradável, com conotação negativa, subjectivo, de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só, sendo um tema recorrente para a produção de obras de arte, como quadros, livros, filmes, e mesmo músicas. É também um tema que tem merecido alguma atenção da comunidade científica, nomeadamente da Psicologia. O ser humano é um ser sociável por natureza. No entanto parece haver pessoas mais sociáveis do que outras; ou seja, dependendo das próprias características de cada indivíduo, ele pode necessitar de estar mais ou menos só. Apesar do ser humano não estar feito para viver na solidão (Ussel, 2001), em determinados momentos da vida cada pessoa necessita de estar isolado ou sozinho. Apesar disso, ninguém gosta de sentir solidão.

Morada (address): Félix Neto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Rua Dr. Manuel Pereira da Silva, 4200-392 Porto. Email: fneto@fpce.up.pt. Os autores agradecem a autorização do Prof. Enrico DiTommaso para se efectuar a adaptação portuguesa desta escala.

A solidão é um fenómeno universalmente conhecido, e com importantes repercussões na dinâmica e funcionamento psicológico. Em determinadas ocasiões fala-se da solidão como necessária, desejada e procurada. Noutras como um vazio, como falta de algo.

Natureza da solidão

A solidão é um construto complexo, que facilmente se pode confundir com isolamento, abandono, incomunicação, clausura. O seu significado é tão amplo e complexo que no estudo desta temática nos deparamos com dois problemas: o de estabelecer uma definição concreta e o de avaliar com objectividade a amplitude da solidão.

Numa abordagem inicial e de carácter unicamente literário, pesquisando num dicionário podemos encontrar que solidão significa “sensação ou situação de quem vive afastado do mundo ou isolado no meio de um grupo social” (Dicionário Houaiss, 2003).

Têm sido sugeridas várias definições de solidão (Neto, 2000). Por exemplo, Sermat (1980) descreveu a solidão como sendo a experiência associada à discrepância entre as relações que percebemos que temos versus as relações ideais segundo o sujeito. Peplau e Perlman (1982) definiram solidão como sendo a experiência desagradável que deriva de importantes deficiências nas redes de relações sociais de uma pessoa. Sullivan (1953) concebeu a solidão simultaneamente como desagradável e motivante surgindo de uma necessidade não encontrada de intimidade interpessoal. Ao invés, Moustakas (1961) concebeu a solidão como uma experiência que surge inevitavelmente da “separação” da existência humana.

Apesar da diversidade de definições avançadas da solidão, tendo subjacente perspectivas conceptuais diferentes, várias definições da solidão partilham três pontos (Peplau e Perlman, 1982). Em primeiro lugar, virtualmente todas as definições implicam que a solidão resulta de deficiências nas relações sociais da pessoa só. Em segundo lugar, a solidão é vista como um fenómeno psicológico subjectivo e por isso não é sinónimo de isolamento. Em terceiro lugar, a solidão resulta de alguma forma de relacionamento deficiente. Toda a pessoa tem virtualmente pelo menos um contacto social mínimo. Por isso, a solidão é vista mais como representando insatisfação com o número ou a qualidade dos contactos que uma pessoa tem do que com a ausência total

de contacto social. Mesmo os teóricos que advogam um “potencial criativo” para a solidão (e.g., Moustakas, 1961) fazem a distinção entre tais estados e outras formas de solidão que são vistas como sendo debilitantes.

Apesar de serem diversas as conceptualizações da solidão, bem como as suas causas (Neto, 2000), ela pode afectar a nossa vida nalguns momentos. A compreensão dos factores que contribuem para a solidão reveste-se de importância por vários motivos, como, por exemplo, a sua ligação com problemas de saúde física e mental. Para certas pessoas faz parte da vida quotidiana e pode durar vários anos e tem sido associada a uma baixa auto-estima e satisfação com a vida (e.g., Goodwin, Cook, e Young, 2001; Neto, 2005). A solidão também tem aparecido associada ao alcoolismo, suicídio, e doença física (Ernst e Cacioppo, 1999). Tem igualmente evidenciado estar fortemente associada com desordens emocionais, tais como depressão e ansiedade (DiTommaso & Spinner, 1997).

O presente trabalho

Dado o anteriormente exposto, a solidão parece ser um fenómeno de grande importância para a saúde psicológica e mesmo física. É então necessário poder contar com um instrumento que, sendo relativamente curto, avalie adequadamente o nível de solidão, e que possa ser utilizado em diferentes âmbitos.

Surge assim a SELSA-S, uma escala curta, fácil de responder, e que avalia a solidão não apenas como estado unitário, mas tendo em conta na solidão aspectos que integram a sensação de solidão em três âmbitos específicos: social, familiar e romântico.

Weiss (1973) chamou a nossa atenção para a natureza multidimensional da solidão. Este autor identificou dois tipos diferentes de solidão: a solidão social e a solidão emocional. A solidão social é uma carência de relações afiliativas, e quando existe, produz um sentimento de marginalização, de não ser aceite pelos outros, de isolamento e de aborrecimento. Deseja-se intensamente ter um lugar dentro de um grupo social, num grupo de pessoas com as quais se possam partilhar interesses e preocupações. A solidão emocional, é a ausência de relações de apego, relacionadas especificamente para a pessoa e que proporcionam um base segura. A ausência de este tipo de relação está associada a sensações de vazio, em que se deseja alguém especial com quem partilhar a vida.

Tendo em conta esta multidimensionalidade, DiTommaso e Spinner (1997) desenvolveram um questionário multidimensional composto por 37 ítems, intitulado *Social and Emotional Loneliness Scale for Adults*, SELSA. Esta escala, fiel à taxonomia da solidão de Weiss, abordando a solidão social e a solidão emocional, distinguiu dois domínios diferentes dentro da solidão emocional: a familiar e a romântica. Avalia assim, três dimensões da solidão: solidão social, solidão familiar e solidão romântica. Posteriormente, DiTommaso, Brannen, e Best (2004) criaram uma versão reduzida, a SELSA-S, composta por 15 ítems, dada a necessidade de ter em ambientes de investigação e de clínica uma escala mais curta, mas com boas características psicométricas.

Para analisar a solidão numa amostra da população portuguesa efectuaram-se dois estudos. O primeiro estudo foi feito com estudantes do ensino superior, e o segundo com idosos a residir em meio rural, em duas aldeias do Concelho de Bragança.

Estudo I

Dado que a solidão tem aparecido associada a sintomas psicológicos (e.g., depressão, ansiedade e sintomas psicossomáticos), à tendência a evitar interacções sociais (e.g., timidez e baixa sociabilidade) e ao mal-estar psicológico (e.g., baixa satisfação com a vida e auto-estima), medidas de sintomas psicológicos, timidez, sociabilidade, satisfação com a vida, auto-estima e solidão global foram usadas neste estudo para desenvolver e validar a versão portuguesa breve da SELSA. As escalas de sintomas psicológicos, timidez, sociabilidade, satisfação com a vida e auto-estima foram usadas para avaliar a validade convergente da SELSA. A escala de solidão da UCLA foi administrada para verificar a validade concorrente da SELSA.

Dado que a solidão está amplamente difundida e pode ter graves consequências, reveste-se de importância dispor da tradução e validação da SELSA para a população portuguesa. Em vista a promover a saúde mental e a adaptação social desta população, poder dispor desta escala pode ser importante para descobrir os factores subjacentes à solidão.

O objectivo deste estudo foi desenvolver e validar a Escala de Solidão Social e Emocional (SELSA). É de esperar que se encontre uma relação entre a SELSA e a versão portuguesa da Escala de Solidão da UCLA-R, das escalas de timidez,

sociabilidade, sintomas psicológicos, satisfação com a vida e auto-estima. É de prever também que a SELSA seja uma medida fiável da solidão. Enfim, todos os aspectos acabados de referir fornecerão apoio para as qualidades psicométricas da SELSA.

Metodologia

Amostra

A amostra é constituída por 183 estudantes do ensino superior do Instituto Politécnico de Bragança, 73 do sexo masculino e 110 do sexo feminino. A média das idades da amostra é 21.63 anos ($DP = 3.43$). A média das idades dos estudantes do sexo masculino ($M = 21.19$; $DP = 2.31$) não era significativamente diferente da dos estudantes do sexo feminino ($M = 21.92$; $DP = 3.98$) [$F(1, 181) = 1.98, p = .16$].

Instrumentos

O material foi constituído por um questionário contendo várias escalas:

(a) A SELSA-S (Short Version of the Social and Emotional Loneliness Scale for Adults) de DiTommaso, Brannen e Best (2004) é constituída por 15 itens. Esta escala é constituída por três sub-escalas, a romântica, a sub-escala de relações com a família e a de relações com os amigos, cada uma composta por 5 itens. As opções de resposta variam entre 1 “totalmente em desacordo” e 7 “totalmente de acordo”, havendo uma opção de resposta neutra “indiferente”. Quanto mais alta for a pontuação obtida na escala, maior será a solidão da pessoa inquirida.

(b) Para se avaliar a solidão utilizou-se também *Escala da Solidão da UCLA-R* que é a medida da solidão mais utilizada na literatura (Russell, Peplau, e Cutrona, 1980). A escala de solidão da UCLA revista revelou-se altamente fidedigna e válida quer na avaliação da solidão quer na discriminação entre solidão e outros construtos relacionados. A adaptação da escala revista que se fez para a população portuguesa comporta 18 itens (Neto, 1989). Exemplos de itens desta escala são: “As pessoas estão à minha volta, mas não estão comigo”; “Há pessoas com quem consigo falar”. Estes itens são avaliados numa escala de escolha múltipla com quatro alternativas: "nunca",

"raramente", "algumas vezes", "muitas vezes". As características psicométricas da versão portuguesa desta escala parecem satisfatórias.

(c) *Timidez e sociabilidade*. Estas escalas contêm 14 itens, 9 para avaliar a timidez e 5 para avaliar a sociabilidade (Cheek e Buss, 1991). Os participantes respondiam numa escala em cinco pontos de “totalmente falso” (1) a “totalmente verdadeiro” (5). Exemplos de itens destas escalas são: “Sinto-me inibido em situações sociais” e “Gosto de estar com as pessoas”. As características psicométricas da versão portuguesa desta escala parecem satisfatórias (Neto, 1996a).

(d) *Sintomas psicológicos*. Esta escala compunha-se de 15 itens que permitiam avaliar a depressão, a ansiedade e sintomas psicossomáticos. Havia cinco itens para cada uma dessas três áreas (Neto, 2002). Os participantes respondiam numa escala em cinco pontos de “nunca” (1) a muitas vezes (5). Exemplos de itens são: “Sinto-me cansado(a)”, “Sinto-me agitado”, e “Sinto-me infeliz e triste.” que correspondem respectivamente a sintomas psicossomáticos, de ansiedade e de depressão.

(e) *Satisfação com a vida*. Para se avaliar o grau de satisfação global com a sua vida recorreu-se a uma escala com cinco itens (Diener, Emmons, Larsen, e Griffin 1985). Um exemplo de um item é: “Estou satisfeito(a) com a minha vida”. A escala tem sido utilizada com diversos grupos, tais como adolescentes, estudantes universitários e idosos e tem revelado boas propriedades psicométricas incluindo boa fiabilidade teste-reteste, elevada consistência interna, e fortes correlações positivas com outras escalas de bem-estar subjectivo. As características psicométricas da versão portuguesa desta escala parecem satisfatórias (Neto, Barros, e Barros, 1990).

(f) *Auto-estima*. Foi medida recorrendo à escala de Rosenberg (1986) por meio de dez itens. Exemplos de itens desta escala são: “Às vezes penso que não presto para nada.” e “Sinto que tenho boas qualidades”. As características psicométricas da versão portuguesa desta escala parecem satisfatórias (Neto, 1996b).

Procedimento

Os questionários foram aplicados em situação de sala de aula, na presença do do investigador. Cada questionário demorou cerca de 20 minutos a ser preenchido. Foi garantido o anonimato das respostas. O tratamento estatístico dos dados foi feito utilizando o programa SPSS, versão 15.

Resultados

Uma análise em componentes principais seguida de rotação varimax foi levada a cabo com os 15 itens da escala SELSA-S. À semelhança dos resultados obtidos na versão inglesa original, os valores próprios e a percentagem de variância sugeriram três factores distintos, que explicavam 52.68% da variância total. O primeiro factor agrupa itens que tratam das relações românticas e foi interpretado como reflectindo solidão romântica (26.7% da variância explicada, valor próprio de 4.0). O segundo factor representava a solidão familiar (16.4% da variância explicada, valor próprio de 2.5), e o terceiro factor a solidão social (9.6% da variância explicada, valor próprio de 1.4). Estes resultados indicam que as três subescalas da SELSA-S têm uma boa estabilidade estrutural. Os itens e as contribuições factoriais dos três factores da SELSA-S são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Análise de componentes principais dos itens da escala SELSA-S

Itens da Escala SELSA	Componentes			M	DP
	Romântica	Familiar	Social		
6. Eu tenho um/a parceiro/a romântico/a ou matrimonial que me dá apoio e encorajamento que necessito.*	.89			3.22	2.49
14. Eu tenho um/a parceiro/a romântico/a para cuja felicidade eu contribuo.*	.84			2.83	2.19
3. Tenho um/a parceiro/a com quem partilho os meus pensamentos e sentimentos mais íntimos.*	.81			2.46	1.90
10. Quem me dera ter uma relação romântica mais satisfatória.	.67			3.30	2.19
15. Tenho uma necessidade oculta de uma relação romântica próxima.	.48			3.39	2.16
8. Sinto-me próximo da minha família.*		.81		1.62	1.11
11. Sinto-me parte da minha família.*		.73		1.54	1.17
12. A minha família realmente preocupa-se comigo.*		.67		1.65	1.47
4. Não há ninguém na minha família de quem eu possa depender para me apoiar e encorajar, mas gostaria de ter.		.46		1.89	1.53
1. Sinto-me só quando estou com a minha família.		.42		1.57	1.14
7. Eu não tenho amigos que partilhem os meus pontos de vista, mas gostaria de ter.			.75	2.21	1.60
13. Não tenho nenhum amigo que me compreenda, mas gostaria de ter.			.73	1.90	1.47
2. Sinto que faço parte de um grupo de amigos.*			.60	1.84	1.31
5. Os meus amigos compreendem os meus motivos e razões.*			.52	2.33	1.60
9. Sou capaz de depender da ajuda dos meus amigos.*			.39	3.64	1.71
Valor Próprio	4.01	2.46	1.43		
Variância	26.74	16.38	9.56		

* Itens invertidos

A consistência interna das escalas e as correlações entre as três escalas são apresentadas no Quadro 2. As consistências internas foram .80 para a solidão romântica, .71 para a solidão familiar e .71 para a solidão social. Muito embora as correlações entre as escalas sejam estatisticamente significativas, essas correlações são suficientemente moderadas indicando que cada uma das três subescalas apreendem aspectos únicos da solidão.

Quadro 2 – Alfas de Cronbach e intercorrelações entre as sub-escalas

	SELSA-S Sub-escala Romântica	SELSA-S Sub-escala Familiar	SELSA-S Sub-escala Social
SELSA-S Sub-escala Romântica	.80	.17*	.17*
SELSA-S Sub-escala Familiar		.71	.44***
SELSA-S Sub-escala Social			.71

Nota: N=183

Os alfas de Cronbach são apresentados na diagonal

* $p < .05$; *** $p < .001$.

No quadro 3 são apresentadas as médias e os desvios padrões dos três tipos de solidão avaliados pela SELSA-S segundo o sexo. Como se pode observar houve diferenças significativas nas respostas às três escalas de solidão, $F(2, 181)=87.57$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .02$. Os participantes mostraram uma pontuação significativamente mais elevada na solidão romântica ($M=3.04$) que na solidão social ($M=2.34$) e na solidão familiar ($M=1.65$). Também evidenciaram uma pontuação significativamente mais elevada na solidão social que na familiar. Todavia não apareceram diferenças estatisticamente significativas em qualquer uma das três escalas de solidão segundo o sexo dos participantes.

Quadro 3 – Médias, desvios padrões e diferenças segundo o sexo em relação aos três tipos de solidão

	Total	Homens M (DP)	Mulheres M (DP)	<i>F</i>
Solidão romântica	3.04 (1.73)	3.03 (1.53)	3.04 (1.72)	0.01
Solidão familiar	1.65 (0.87)	1.80 (0.92)	1.55 (0.83)	3.53
Solidão social	2.39 (0.98)	2.33 (0.96)	2.42 (0.99)	0.34

Para se avaliar a validade concorrente das subescalas da SELSA-S, foram avaliadas as relações entre a escala SELSA-S e outra medida de solidão, a escala revista da UCLA-R (Quadro 4). Houve associações significativas entre as pontuações entre todas as subescalas da SELSA-S e as pontuações da UCLA-R. Mais especificamente, a subescala social da SELSA-S e a UCLA-R evidenciaram as relações mais fortes ($r=.56$, $p < .001$), ao passo que esta tinha uma correlação mais fraca com a solidão romântica ($r=.18$, $p < .05$).

Para se avaliar a validade convergente da adaptação portuguesa da SELSA-S foi recolhida informação com instrumentos que avaliam o bem-estar dos participantes, tais como timidez, sociabilidade, saúde mental, satisfação com a vida e auto-estima. As correlações são apresentadas também no Quadro 4. A direcção e a magnitude das relações apoiam a validade de constructo das subescalas da SELSA-S. A solidão romântica correlaciona-se significativamente de modo positivo com a timidez e com os sintomas psicológicos e de modo negativo com a satisfação com a vida e a auto-estima. A solidão familiar correlaciona-se significativamente de modo positivo com os sintomas psicológicos e de modo negativo com a sociabilidade, a satisfação com a vida e a auto-estima. A solidão social correlaciona-se significativamente de modo positivo com a timidez e os sintomas psicológicos e de modo negativo com a sociabilidade, a satisfação com a vida e a auto-estima.

Quadro 4 – Correlações da SELSA-S com medidas de bem-estar psicológico

	Solidão romântica	Solidão familiar	Solidão social
Solidão (UCLA-R)	.18*	.32***	.56***
Timidez	.23**	.10	.26***
Sociabilidade	.03	-.17*	-.27***
Sintomas psicológicos	.17*	.22**	.23***
Satisfação com a vida	-.31***	-.43***	-.29***
Auto-estima	-.29***	-.35***	-.36***

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Discussão

Os resultados deste estudo com estudantes do ensino superior apoiam as qualidades psicométricas da SELSA como sendo uma medida válida da solidão. As análises correlacionais e de fiabilidade realizadas evidenciam a consistência com as obtidas com a versão original inglesa. Para além disso, os resultados apontam que a versão portuguesa da SELSA reflecte a estrutura factorial da versão original inglesa. Em consonância com os resultados ingleses, a solidão social da SELSA apresenta a correlação mais elevada com a solidão avaliada por meio da escala da UCLA. Todavia as três subescalas estavam correlacionadas significativamente com a solidão global e o que apoia a sua validade concorrente.

Muito embora se tenham encontrado intercorrelações modestas entre as subescalas da SELSA, as três subescalas sugerem que a solidão romântica, familiar e social são

construtos distintos. Muito embora ainda não haja concordância sobre a conceptualização da solidão, este estudo apoia a tipologia da solidão de Weiss (1973).

A hipótese de que a versão portuguesa das escalas de timidez, sociabilidade, sintomas psicológicos, satisfação com a vida e auto-estima estariam correlacionadas com a SELSA foi amplamente confirmada. Estes resultados vão pois no sentido de apoiar a validade convergente, para além da validade concorrente já referida, deste instrumento multidimensional da solidão. No estudo que apresentaremos de seguida procuraremos saber se este instrumento reflecte validade externa junto de população idosa de uma aldeia comunitária e de outra não comunitária.

Estudo II

Foi comprovado que a solidão diminui a qualidade de vida, e amplia um pior prognóstico na idade avançada (Savikko et al., 2005). O mesmo autor diz-nos que existe uma forte relação entre sintomas depressivos e solidão, e que a solidão prediz a institucionalização, além de que, e segundo os estudos por ele concluídos, a solidão prediz declínio cognitivo e um aumento da utilização dos serviços de saúde, sendo conhecido que as pessoas solitárias têm aumentado o risco de mortalidade.

Outro subsídio particularmente interessante para esta pesquisa em solidão de idosos, emerge do estudo de Savikko et al. (2005), na Finlândia, por ter sido levado a cabo numa amostra de 3915 indivíduos idosos, com idade igual ou superior a 75 anos, em que fez a observação da prevalência e das atribuições causais da solidão. Os dados encontrados neste estudo demonstraram que 39% da amostra reportava sentimentos de solidão, sendo que 5% sofria de solidão frequentemente ou sempre, e que esta sensação subjectiva de solidão, era mais comumente sentida entre os idosos mais velhos que viviam em zonas rurais, do que os que viviam nos grandes centros urbanos.

Também neste estudo, os factores considerados potencializadores de solidão, foram: o fraco estado físico a nível funcional, a viuvez e baixos rendimentos. As causas subjectivas mais comuns para sofrer de solidão são as próprias doenças, a morte do companheiro e falta dos amigos.

A relevância destes resultados, situa-se em três pormenores metodológicos: Primeiramente, pelo facto de terem emergido, a partir de uma amostra grande e suficientemente diversificada, para se considerar representativa de uma população de idosos muito mais abrangente; em segundo lugar, pelo facto do estudo ter um poder

estatístico suficientemente elevado para esclarecer alguma inconsistência dos resultados dos estudos precedentes; e finalmente, porque os respectivos resultados podem ser generalizados, para cobrir a população idosa na Finlândia, já que a taxa de resposta elevada (71.8%) suporta a fiabilidade dos resultados encontrados.

Além destes pormenores, resta acentuar que esta é a primeira pesquisa a relatar as causas para o sentimento de solidão quando avaliado pelas próprias pessoas idosas. No entanto, e porque os sentimentos de solidão dependem também do contexto cultural, não devem estes resultados e conclusões generalizar-se para todas as populações, ao nível mundial.

Ainda neste estudo os resultados indicam que a perda da saúde ou do status funcional como a visão ou a audição estão relacionados com sentimentos aumentados de solidão, tendo esta relação já sido encontrada em estudos precedentes (e.g., Mullins e Dugan, 1990). A razão óbvia apresentada poderá ser que os contactos sociais tendem a diminuir quando a saúde se deteriora ou existe uma diminuição da capacidade física dos indivíduos.

Em resumo, neste estudo o autor afirma que a solidão pode ser ligada a acontecimentos de vida naturais, como a viuvez, e factores ligados ao envelhecimento, como por exemplo a diminuição da saúde e da capacidade física funcional. Por outro lado, pode estar associado a mudanças sociais das pessoas idosas, como a diminuição dos rendimentos e o isolamento social.

Um outro estudo (Luanaigh e Lawlorz, 2008), refere que a solidão tem fortes associações com depressão e pode, de facto, ser um factor independente de risco para depressão. Além disso solidão parece ter um impacto significativo sobre a saúde física e estar ligada a uma maior tensão arterial, pior sono, stress e pior cognição nos idosos. Refere ainda que a solidão é comum em pessoas idosas, e está associada com as condições de uma saúde mental e saúde física. Conclui afirmando que é necessário haver um maior enfoque sobre a intervenção e as estratégias visando diminuir a solidão para determinar se se pode melhorar a qualidade de vida e de funcionamento em idosos.

Metodologia

Amostra

A amostra é constituída por 179 idosos, a residir em duas aldeias do concelho de Bragança, sendo elas Rio de Onor e Parada, onde foram inquiridos respectivamente 56 e 123 indivíduos. Relativamente ao sexo foram inquiridos 76 do sexo masculino e 103 do sexo feminino. A idade mínima é 60 anos e a idade máxima 92. A média das idades é de 72.45 com um desvio padrão de 7.67. Existem duas modas que são as idades 75 e 79, com 11 indivíduos cada. A média das idades dos idosos do sexo masculino ($M = 73.05$; $DP = 6.95$) não era significativamente diferente da dos idosos do sexo feminino ($M = 72.00$; $DP = 8.17$) [$F(1,177) = .82, p=.36$].

A aldeia de Rio de Onor foi escolhida estrategicamente, pois é uma aldeia com mais típica organização comunitária de Portugal, segundo Dias (1981). Este comunitarismo caracteriza-se pela entreatajuda que existe entre os habitantes da aldeia, assim como pela proximidade que os une nas festividades e no trabalho comunitário. A aldeia portuguesa Rio de Onor, concelho de Bragança e a aldeia espanhola Riohonor, criaram em conjunto a primeira aldeia europeia do País. As duas aldeias, separadas apenas por uma linha imaginária a que chamam fronteira, foi oficialmente constituída a aldeia europeia em 2005. A pequenez e o isolamento de Rio de Onor não permitem o desenvolvimento de grandes superfícies comerciais, mantendo assim a sua forma de sobrevivência secular, essencialmente pela agricultura e pastoreio.

Parada foi escolhida aleatoriamente de entre diversas aldeias tipicamente transmontanas, que não caracterizadas como comunitárias, de forma a poder comparar os dados obtidos em Rio de Onor. No vale do rio Sabor, a sudoeste do concelho de Bragança, situa-se a freguesia de Parada, distando vinte quilómetros da sede do concelho. Também é conhecida como Parada de Infanções ou Parada de Outeiro para se diferenciar de outras povoações com o mesmo nome no concelho.

Instrumentos

O material foi constituído por um inquérito contendo duas escalas: a SELSA-S e a UCLA-R que já foram descritas no estudo anterior, juntamente com variáveis sócio-demográficas e a avaliação subjectiva de saúde segundo os critérios de Bauman, citado por Du Gás (1978).

Procedimento

Os inquéritos foram aplicados nas Juntas de Freguesia das respectivas comunidades, após autorização prévia dos Presidentes da Junta, e divulgada a intenção do estudo através do pároco das aldeias na missa dominical. Dada a baixa literacia dos idosos, foram solicitados alunos, que voluntariamente se disponibilizaram após formação prévia adequada, para inquirir os idosos que compareceram. Cada inquérito demorou cerca de 25 minutos. Foi garantido o anonimato das respostas. O tratamento estatístico foi feito utilizando o programa SPSS, versão 15.

Resultados

Assim como no estudo I, efectuou-se uma análise de componentes principais seguida de rotação varimax com os 15 itens da escala SELSA-S. Os valores próprios e a percentagem de variância sugerem, também neste estudo, três factores distintos, que explicam 53.31% da variância total. O primeiro factor agrupa itens que tratam das relações sociais e que foi interpretado como reflectindo solidão social (26.58% da variância explicada, valor próprio de 3.99). O segundo factor representa a solidão romântica (15.58% da variância explicada, valor próprio de 2.34), e o terceiro factor a solidão familiar (11.15% da variância explicada, valor próprio de 1.67). Estes resultados apontam, mais uma vez, que as três subescalas da SELSA-S têm uma boa estabilidade estrutural. No entanto, neste estudo com os idosos, existem um item da escala que não satura nenhum dos factores, e dois itens que nesta amostra saturam factores diferentes relativamente à contribuição factorial dos autores da escala.

Através desta análise, dos 15 itens do questionário, foram excluídos 3 neste estudo, por não constituírem agrupamento específico, ou não obterem níveis de saturação considerados satisfatórios. Ou seja, dos quinze itens que constituem a escala, doze apresentaram uma saturação factorial satisfatória nos factores correspondentes, sendo que um item, respectivamente “Sinto-me só quando estou com a minha família” não saturou em qualquer dos 3 factores definidos pelo autor da escala, e dois itens saturaram em factores diferentes dos que o autor definiu, nomeadamente “Quem me dera ter uma relação romântica mais satisfatória” e “Tenho uma necessidade oculta de uma relação romântica próxima”, sendo que esta amostra de idosos assinalou estes itens como pertencentes ao factor familiar.

Foi, pois, efectuada uma segunda análise de componentes principais seguida de rotação varimax com os 12 itens cujos resultados são apresentados no Quadro 5. Assim, foram determinados três Factores, identificados a partir dos itens que inserem, e que emergiram da escala SELSA-S, e segundo as saturações em cada agrupamento, constroem Factores que se identificam com as componentes de Solidão (Cramer, 2000), pelo que se atribuiu a cada um a designação de componente Social, Romântica e Familiar. Após esta análise, determinou-se o coeficiente alfa de Cronbach, para cada um dos Factores, para analisar a consistência interna entre os itens que insere.

Em seguida apresentam-se os resultados obtidos, em cada uma destas análises (Quadro 5), referindo os Factores com valor próprio superior a 1.0, e os itens com uma saturação igual ou superior a .40.

Quadro 5 – Análise de Componentes Principais dos Itens da escala SELSA-S na população idosa

Itens da Escala SELSA	Componentes			M	DP
	Social	Romântica	Familiar		
5. Os meus amigos compreendem os meus motivos e razões.*	.81			2.23	1.42
2. Sinto que faço parte de um grupo de amigos.*	.81			2.23	1.76
7. Eu não tenho amigos que partilhem os meus pontos de vista, mas gostaria de ter.	.68			2.90	2.09
13. Não tenho nenhum amigo que me compreenda, mas gostaria de ter.	.58			2.32	1.84
9. Sou capaz de depender da ajuda dos meus amigos.*	.43			3.08	1.86
6. Eu tenho um/a parceiro/a romântico/a ou matrimonial que me dá apoio e encorajamento que necessito.*		.94		3.58	2.61
14. Eu tenho um/a parceiro/a romântico/a para cuja felicidade eu contribuo.*		.93		3.54	2.61
3. Tenho um/a parceiro/a com quem partilho os meus pensamentos e sentimentos mais íntimos.*		.89		3.14	2.53
8. Sinto-me próximo da minha família.*			.82	1.84	1.51
11. Sinto-me parte da minha família.*			.80	1.59	1.26
12. A minha família realmente preocupa-se comigo.*			.74	1.56	1.21
1. Não há ninguém na minha família de quem eu possa depender para me apoiar e encorajar, mas gostaria de ter.			.42	2.23	1.85
Valor Próprio	3.99	2.34	1.67		
Variância	26.58	15.58	11.15		

* Itens invertidos

A consistência interna das escalas e as correlações entre as três escalas são apresentadas no Quadro 6. As consistências internas foram .75 para a solidão romântica, .92 para a solidão familiar e .71 para a solidão social. Muito embora as correlações entre as escalas sejam estatisticamente significativas, excepto a correlação entre a solidão romântica e social, essas correlações são suficientemente moderadas indicando que cada uma das três subescalas apreendem aspectos únicos da solidão, tal como se verificou no estudo I.

Quadro 6 – Alfas de Cronbach e intercorrelações entre as sub-escalas na população idosa

	SELSA-S Sub-escala Social	SELSA-S Sub-escala Familiar	SELSA-S Sub-escala Romantica	UCLA-R
SELSA-S Sub-escala Social	.71	.44**	.10	.61**
SELSA-S Sub-escala Familiar		.92	.25**	.49**
SELSA-S Sub-escala Romantica			.75	.38**
UCLA-R				-

Nota: N=179

Os alfas de Cronbach são apresentados na diagonal

** $p < .01$

Para a avaliar a validade concorrente das subescalas da SELSA-S, foram avaliadas as relações entre a escala SELSA-S e outra medida de solidão, a escala revista da UCLA-R (Quadro 6). Houve associações significativas entre as pontuações entre todas as subescalas da SELSA-S e as pontuações da UCLA-R. Mais especificamente, a subescala social da SELSA-S e a UCLA-R evidenciaram as relações mais fortes ($r=.61$, $p < .001$), ao passo que esta tinha uma correlação mais fraca com a solidão romântica ($r=.38$, $p < .01$).

As variáveis que inserem o constructo de solidão das sub-escalas Social, Familiar e Romântica da SELSA-S, apresentam relação de variabilidade com as variáveis que inserem a escala UCLA-R, pelo que se considera que esta é ou representa, segundo as respostas da amostra de idosos, um constructo integrador das variáveis das sub-escalas SELSA-S.

No quadro 7 são apresentadas as médias e os desvios padrões dos três tipos de solidão avaliados pela SELSA-S segundo a localidade, o sexo, o estado civil, e a avaliação subjectiva de saúde. Pode verificar-se que existem diferenças significativas na média da avaliação da sub-escala que avalia a dimensão social da solidão segundo a localidade, respectivamente $F(1, 177)=6.96$, $p=.01$. Com a sub-escala SELSA-S familiar

apenas se encontraram diferenças significativas com a variável estado civil $F(1, 176)=8.21, p=.01$. Relativamente a sub-escala que avalia a dimensão romântica encontraram-se diferenças significativas segundo as variáveis sexo e estado civil, respectivamente $F(1, 177)=10.42, p=.00$ e $F(1, 176)=256.76, p=.00$.

Quadro 7 – Solidão segundo variáveis sociodemográficas

	SELSA-S Social			SELSA-S Familiar			SELSA-S Romântica		
	M	DP	<i>p</i>	M	DP	<i>p</i>	M	DP	<i>p</i>
Localidade									
Rio de Onor	2.21	1.22	.01	1.80	1.14	.99	3.32	1.72	.06
Parada	2.71	1.16		1.80	1.00		2.84	1.51	
Total	2.56	1.20		1.80	1.04		2.99	1.59	
Sexo									
Masculino	2.36	0.98	.07	1.73	0.93	.43	2.56	1.48	.01
Feminino	2.70	1.33		1.85	1.12		3.31	1.60	
Total	2.56	1.20		1.80	1.05		2.99	1.60	
Estado Civil									
Sol. Viúvo	2.58	1.29	.82	2.11	1.35	.01	4.69	0.89	.01
Casado	2.53	1.15		1.64	0.82		2.11	1.08	
Total	2.55	1.20		1.80	1.05		3.00	1.59	
Saudável									
Sim	2.59	1.12	.60	1.87	1.12	.24	2.97	1.60	.87
Não	2.49	1.35		1.67	0.85		3.02	1.59	
Total	2.56	1.20		1.80	1.05		2.99	1.59	

Discussão

Os resultados deste estudo com idosos em meio rural apoiam as qualidades psicométricas da SELSA-S como sendo uma medida válida da solidão. Os resultados apontam que a versão portuguesa da SELSA-S reflecte a estrutura factorial da versão original inglesa, sendo que três itens parecem ser problemáticos na população idosa. Em consonância com os resultados ingleses, a solidão avaliada com a SELSA-S apresenta a correlações significativas com a solidão avaliada por meio da escala da UCLA-R.

Muito embora se tenham encontrado intercorrelações modestas entre as subescalas da SELSA, as três subescalas sugerem que a solidão romântica, familiar e social são construtos distintos. Apesar de não haver concordância sobre a conceptualização dos tipos de solidão, este estudo, da mesma forma que o estudo I, apoia a tipologia da solidão de Weiss (1973).

Relativamente às variáveis sócio-demográficas e de saúde analisadas neste estudo, a subescala da SELSA-S que avalia o tipo de solidão social apresenta diferença significativa com a variável localidade, sendo que os idosos de Parada apresentam maior solidão do que os idosos de Rio de Onor, o que vem de encontro aos resultados

esperados, pois sendo Rio de Onor uma aldeia comunitária, é esperado que haja maior sociabilização dos seus habitantes. Na avaliação da solidão segundo a sub-escala Familiar, foi encontrada diferenças significativas segundo a variável Estado Civil, o que corrobora mais uma vez os resultados esperados, pois é esperado que o facto de estar casado, solteiro, divorciado ou viúvo implique na forma e intensidade com que se percebe o nível de solidão familiar. Assim como era esperado, nas situações em que o estado civil pode indicar que o idoso mora sozinho (viúvo, solteiro, divorciado), a média de solidão familiar é maior que nos idosos casados. A sub-escala que avalia a tipologia romântica da solidão apresenta diferenças de médias estatisticamente significativas segundo as variáveis sexo e estado civil, sendo que, semelhante a outros estudos (Neto, 2000) as mulheres referem mais solidão, neste caso solidão romântica, e os idosos viúvo, solteiro ou divorciado maior solidão romântica que os casados. Relativamente à variável saúde, contrariamente ao esperado, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na média da avaliação da solidão segundo as diferentes sub-escalas da SELSA-S.

Discussão geral

Os resultados apresentados neste estudo indicam que a SELSA-S adaptada à população portuguesa é uma medida eficaz para avaliar a solidão numa perspectiva multidimensional. Assim, como na versão original desta escala, encontraram-se três factores.

A noção de Solidão Social apresenta um perfil de concordância com aspectos de interacção grupal, de envolvimento com os pares já que os níveis de concordância se enquadram em torno destes itens da escala de SELSA-S. Este facto sugere que é a concordância com a interacção e envolvimento e a discordância com o distanciamento e com a dependência, independentemente de ser física ou cognitiva ou mesmo financeira, mas sobretudo com a ideia de dependência, dos demais que os cercam. No global, parece ser o reconhecimento pessoal como entidades de envolvimento e o não reconhecimento de pessoas com dependência, que marca definitivamente o perfil de solidão social da amostra.

A solidão familiar enquanto solidão propriamente dita, estão aqui pouco presentes. Ou seja, não parece haver aqui a presença de desamparo, dependência, de rejeição ou de “ser só”. Segundo as respostas das amostras, este perfil desenha-se, na perspectiva deste

grupo de idosos, em torno do seu núcleo familiar, como uma estrutura sólida na qual os idosos têm a percepção de ancoragem e reforço positivo. O facto é que estão de acordo com os discursos que fazem uma apreciação positiva de solidão e refutam por discordância os itens que induzem à construção de uma percepção negativa de solidão. O facto de a amostra de idosos ter excluído o item “Sinto-me só quando estou com a minha família”, na análise de componentes principais, vem também corroborar a ideia central deste perfil: as amostras não reconhecem o sentido e significado deste apontamento discursivo, para eles, estar só e família não faz sentido. Não significa só por esta abordagem proporcionada por esta aplicação deste instrumento de recolha de dados, que de facto não estejam sós e que não sintam ausência da família. Este pormenor não pode ser comprovado. Mas pode ser percebido que a construção cognitiva que têm de núcleo familiar e de interacção nesse núcleo está intacta.

A solidão romântica, remete a um tipo de perfil que fortalece a interacção familiar em detrimento das relações românticas. Aspectos relativos à partilha de intimidade e romantismo não parecem inserir a percepção destes idosos. Apesar de não ter significado estatístico, os idosos que vivem os seus quotidianos nos contextos socioculturais de Rio de Onor sentem mais solidão romântica, de que os de Parada. Mas não ficaram aqui comprovadas quaisquer outros argumentos, para poder compreender este fenómeno. Não podemos ficar alheios ao facto de que estão em análise amostras populacionais que construíram a sua noção de romantismo entre os anos 20 e 40 do século passado, e que portanto terão absorvido uma imagem de recato e de intimidade “nunca transmissível”, nomeadamente pelo género feminino, facto que aqui pode ter sido determinante. O facto é que e curiosamente, as atribuições de significado dos discursos inerentes às expectativas de “Quem me dera ter uma relação romântica mais satisfatória” e de “Tenho uma necessidade oculta de uma relação romântica próxima”, são remetidos para o factor que contempla a componente de solidão familiar, segundo o autor da escala. Justamente por isto, parece emergir a noção de que estes aspectos românticos, nestes espaços geoculturais do nordeste transmontano, perdem sentido, e que a solidão acontece quando os idosos experienciam a perda ou ausência de um relacionamento importante como resultado da morte ou separação.

Apesar de ter sido comprovada a diferença de sentimentos de solidão entre viúvos e casados, o facto é que a componente romântica de solidão, é de todas as componentes aquela que resulta com apreciação mais redutora.

Existem nesta escala, como foi visto ao longo dos dois estudos, alguns itens que parecem ser problemáticos, e que poderá estar relacionada com a tradução da versão original. Dado isto, propõem-se assim no final deste estudo uma nova tradução para esses itens, que se apresenta em anexo, e que necessita de ser testada. Os itens em questão são:

- item 4: originalmente “There is no one in my family I can depend on for support and encouragement, but I wish there was.”, traduzido neste estudo como “Não há ninguém na minha família de quem eu possa depender para me apoiar e encorajar, mas gostaria de ter.”, e proposta a reformulação para “4. Não há ninguém na minha família com quem eu possa contar para me apoiar e encorajar, mas gostaria de ter.”.

- item 9: originalmente “I am able to depend on my friends for help.”, traduzido neste estudo como “Sou capaz de depender da ajuda dos meus amigos.”, e proposta a reformulação para “Posso contar com a ajuda dos meus amigos.”.

- item 15: originalmente “I have an unmet need for a close romantic relationship.”, traduzido neste estudo como “Tenho uma necessidade oculta de uma relação romântica próxima.”, e proposta a reformulação para “Tenho necessidade de uma relação romântica íntima.”.

A escala SELSA-S adaptada à população portuguesa apresenta, da mesma forma que a versão em inglês, um elevado rácio custo/eficácia e adequadas propriedades psicométricas. Ao ser de aplicação relativamente simples e com um número reduzido de itens, permite ganhar tempo na sua aplicação, e não ser demasiadamente cansativa para o utente. Por tudo isto, a SELSA-S é uma medida apropriada para a avaliação deste constructo, a solidão, nas suas três dimensões (social, familiar e romântica) em numerosos âmbitos na saúde, tanto com objectivos preventivos assim como de intervenção.

Referências

- Cheek, J. M., e Buss, A. (1981). Shyness and sociability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 330-339.
- Dias, J. (1981). *Rio de Onor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., e Griffin, A. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71 - 75.

- Ditommaso, E., & Spinner, B. (1997). Social and Emotional Loneliness: a re-examination of weiss' typology of loneliness. *Personality and Individual Differences*, 22, 417-427.
- DiTommaso, E., Brannen, C., e Best, L. A. (2004). Measurement and validity characteristics of the Short Version of the Social and Emotional Loneliness Scale for Adults. *Educational and Psychological Measurement*, 64, 99-119.
- Du Gás, B. W. (1978). *Enfermagem prática* (3 ed.). Rio de Janeiro: Editora Interamericana.
- Ernst, J-, e Cacioppo, J. (1999). Lonely hearts: Psychological perspectives on loneliness. *Applied and Preventive Psychology*, 8, 1-22.
- Goodwin, R., Cook, O., e Yung, Y. (20019). Loneliness and life satisfaction among three cultural groups. *Personal Relationships*, 8, 225-230.
- Houaiss, A., e Villar, M. S. (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 6 vols. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Luanaigh, C. O., e Lawlorz B. A. (2008). Loneliness and the health of older people. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 23, 1213–1221.
- Moustakas, C. (1961). *Loneliness*. New York: Prentice-Hall.
- Mullins, L., e Dugan, E. (19990). The influence of depresssion, and family and friends relations, on residents' loneliness in congregate housing. *Gerontologist*, 30, 377-384.
- Neto, F. (1989). Avaliação da solidão. *Psicologia Clínica*, 2, 65-79.
- Neto, F. (1992). *Solidão embaraço e amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.
- Neto, F. (1995). Predictors of satisfaction with life among second-generation migrants. *Social Indicators Research*, 35, 93-116.
- Neto, F. (1996a). Correlates of Portuguese college students' shyness and sociability. *Psychological Reports*, 78, 79-82.
- Neto, F. (1996b). Correlates of social blushing. *Personality and Individual Differences*, 20, 365-373.
- Neto, F. (2000). *Psicología social* (Vol. II). Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2002). Acculturation strategies among adolescents from immigrant families in Portugal. *Internacional Journal of Intercultural Relations*, 26, 17-28.
- Neto, F., Barros, J., e Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida, R. Santiago, P. Silva, O. Caetano, J. Marques (Eds.), *A acção educativa: Análise psico-social*. Leiria: ESEL/APPORT.

- Peplau, L. A., e Perlman, D. (1982). *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley-Interscience Publication.
- Rosenberg, M. (1986). *Conceiving the self*. Melbourne: Krieger.
- Russell, D., Peplau, L., e Cutrona, C. (1980). The revised UCLA Loneliness Scale: Concurrent and discriminate validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 472-480.
- Savikko, N., Routasalo, P., Tilvis, R. S., Strandberg, T. E., e Pitkala, K. H. (2005). Predictors and subjective causes of loneliness in an aged population. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, 41, 223-233.
- Sullivan, H. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Ussel, J. I. (2001). *La soledad en las personas mayores: Influencias personales, familiares y sociales. Análisis cualitativo*. Madrid: IMSERSO.
- Weiss, R. (1973). *Loneliness: The experience of emocional and social isolation*. Cambridge: MIT Press.

Anexo 1: Escala de Solidão Social e Emocional (SELSA-S)

A seguir encontra 15 afirmações referentes a sentimentos e situações vividos actualmente. Coloque uma cruz no quadrado correspondente à sua maneira de ser de acordo com a classificação no cimo de cada coluna.

	Totalmente em desacordo	Muito desacordo	Pouco desacordo	Indiferente	Pouco de acordo	Muito de acordo	Totalmente de acordo
1. Sinto-me só quando estou com a minha família.	1	2	3	4	5	6	7
2. Sinto que faço parte de um grupo de amigos.	1	2	3	4	5	6	7
3. Tenho um/a parceiro/a com quem partilho os meus pensamentos e sentimentos mais íntimos.	1	2	3	4	5	6	7
4. Não há ninguém na minha família com quem eu possa contar para me apoiar e encorajar, mas gostaria de ter.	1	2	3	4	5	6	7
5. Os meus amigos compreendem os meus motivos e razões.	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu tenho um/a parceiro/a romântico/a ou matrimonial que me dá apoio e encorajamento que necessito.	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu não tenho amigos que partilhem os meus pontos de vista, mas gostaria de ter.	1	2	3	4	5	6	7
8. Sinto-me próximo da minha família.	1	2	3	4	5	6	7
9. Posso contar com a ajuda dos meus amigos.	1	2	3	4	5	6	7
10. Quem me dera ter uma relação romântica mais satisfatória.	1	2	3	4	5	6	7
11. Sinto-me parte da minha família.	1	2	3	4	5	6	7
12. A minha família realmente preocupa-se comigo.	1	2	3	4	5	6	7
13. Não tenho nenhum amigo que me compreenda, mas gostaria de ter.	1	2	3	4	5	6	7
14. Eu tenho um/a parceiro/a romântico/a para cuja felicidade eu contribuo.	1	2	3	4	5	6	7
15. Tenho necessidade de uma relação romântica íntima.	1	2	3	4	5	6	7

THE PORTUGUESE ADAPTATION OF THE SHORT VERSION OF THE SOCIAL AND EMOTIONAL LONELINESS SCALE (SELSA-S)

Hélder Fernandes

Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Félix Neto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal

Abstract: The initial psychometric evaluation of the adaptation of the SELSA-S of DiTommaso, Brannen and Best (2004) for the Portuguese population is presented in the present work. Two studies have been conducted. The first study was conducted among 183 college students ($M= 21.63$ years old; $SD=3.43$). Together with the SELSA-S other scales have been used to evaluate overall loneliness, shyness, sociability, psychological symptoms, satisfaction with life and self-esteem. As the English original version, the factorial analysis extracted three factors: social loneliness, familiar loneliness, and romantic loneliness. The three scales of the SELSA-S showed satisfactory internal consistency. The results support the concurrent and convergent validity of the SELSA. The second study was conducted among 179 old people ($M=73.05$ years old; $SD=6.95$). The SELSA-S and the UCLA-R have been administered, as well as sociodemographic questions and the subjective evaluation of the health. In favor of the external validity of the SELSA-S it was found that social loneliness was higher among old people living in a not communitarian village than in a communitarian village (Rio de Onor). The current findings point out the psychometric characteristics of the SELSA-S, as well as its utility for the research.

KEY-WORDS: *Loneliness, old people, youth, SELSA-S.*